

Ser sua própria mentora: Uma análise da formação de Xuela em *The Autobiography of my Mother*, de Jamaica Kincaid

Lorena Sales dos Santos

844

Resumo

The Autobiography of my Mother (1997), de Jamaica Kincaid, narra a vida de Xuela Claudette Richardson desde seu nascimento que é também momento da morte de sua mãe. O título contém em si a contradição presente em toda a narrativa, a autobiografia da mãe que já morreu é, na realidade, a história de Xuela. A leitura que apresento neste artigo é de *The Autobiography of my Mother* como um Romance de *Bildungsroman* Pós-Colonial cuja protagonista recusa os mentores que se apresentam em seu caminho. Xuela é, desde criança, sua própria mentora, com as vantagens e limitações que essa situação pode acarretar.

Palavras-chave: Literatura - *Bildungsroman* - Pós-colonialismo - Gênero - Caribe

Abstract

The Autobiography of my Mother (1997), by Jamaica Kincaid, narrates the life of Xuela Claudette Richardson since her birth, which is also the moment of her mother's death. The title contains in itself the contradiction present throughout the narrative, the autobiography of a mother that is already dead is, in fact, the story of Xuela. This paper reads *The Autobiography of my Mother* as a Post-colonial *Bildungsroman* in which the protagonist refuses the all the mentors she finds on her way. Xuela is, since her childhood, her own mentor, with the advantages and limitations this situation may contain.

Key words: Literature - *Bildungsroman* - Postcolonialism - Gender - Caribbean

*The Autobiography of my Mother*¹ narra a vida de Xuela Claudette Richardson desde seu nascimento, momento da morte de sua mãe. O título contém em si a contradição presente em toda a narrativa. A autobiografia da mãe que já morreu é, na realidade, a história de Xuela e da presença/ausência de sua mãe, da falta do amor dessa mãe e de suas consequências na vida dessa menina e no seu crescer. A narrativa também trata da relação do povo caribenho colonizado com suas origens, com o colonizador, e com o próprio processo de colonização.

Nesta análise de *The Autobiography of my Mother*, no entanto, analiso o processo de formação de Xuela, como um romance de formação pós-colonial, conforme definido por José Vázquez, em *Reescrituras postcoloniales del Bildungsroman*,

¹ KINCAID, 1997.

2003, tendo como foco a recusa de Xuela a todos os possíveis mentores que lhe são apresentados na narrativa e a opção por ser, ela mesma, sua própria mentora.

Antes de passar a análise do romance em si, faz-se necessário ressaltar que o *Bildungsroman* pós-colonial apresenta tanto uma influência dos polissistemas literários europeus, conforme definição de Itamar Even-Zohar (1990)², quanto um desejo dos colonizados de realizar uma “descolonização mental”^{3,4}. Desejo esse que pressupõe uma alteração dos padrões narrativos e ideológicos associados ao gênero literário, introduzindo inovações formais e temáticas em sua tradição para adaptar essa forma literária à realidade das ex-colônias e se opor a uma ideologia imperialista sedimentada em sua forma clássica. É importante ainda ressaltar que os estudos realizados por Vázquez (2003) compreenderam a crítica de romances de formação pós-coloniais com protagonistas exclusivamente masculinos, em romances escritos por homens, e que, sendo assim, outros elementos e estratégias surgem, necessariamente, dos conflitos vivenciados por protagonistas negras apresentadas por escritoras mulheres, como é o caso de Xuela, em *The Autobiography of my Mother*.

Dentre os traços fundamentais da variação pós-colonial do *Bildungsroman* apresentados por Vázquez⁵, o primeiro diz respeito à pretensão de superar a natureza individualista do modelo tradicional. Pretensão que leva ao estabelecimento de um paralelismo entre o processo de formação e a construção de uma identidade nacional. É, todavia, importante considerar que nos romances escritos por escritoras negras, o motivo da construção da identidade nacional pode não estar presente ou mesmo ser tratado de forma diversa, visto que as mulheres negras são frequentemente marginais à essa construção.

² Um polissistema é definido por Itamar Even-Zohar (1990) como: "um sistema múltiplo, um sistema de vários sistemas que se intersectam uns com os outros e em parte se sobrepõem, usando concorrentemente diferentes opções, ao mesmo tempo que funciona como um todo estruturado, cujos membros são interdependentes." (tradução minha) (EVEN-ZOHAR, 1990, p.11)

No original: "a multiple system, a system of various systems which intersect with each other and partly overlap, using concurrently different options, yet functioning as one structured whole, whose members are interdependent." (EVEN-ZOHAR, 1990, p.11)

³ Tradução minha.

⁴ No original: “descolonización mental” (VÁZQUEZ, 2003, p. 115)

⁵ VÁZQUEZ, 2003.

O segundo traço trata das inovações quanto ao tema da viagem, e o autor aponta para o fato de que, com frequência, não há viagem de iniciação ou que as condições dramáticas em que ela ocorre servem para ressaltar a ausência de estímulo para o desenvolvimento das capacidades inatas do sujeito pós-colonial e o estado de alienação em que permanece o herói, no nosso caso a heroína, assim como sua falta de autonomia.

846

A iniciação romântica, terceiro evento característico, desempenha um papel menor no *Bildungsroman* pós-colonial do que aquele desempenhado no modelo tradicional do gênero. Em vários casos, a sexualidade do(a) protagonista transcende o âmbito do socialmente aceitável, sendo que sua incapacidade de estabelecer relações sancionadas pela comunidade denuncia a inexistência de um projeto social capaz de garantir a integração do herói/heroína, ao contrário do que ocorre no romance de formação tradicional, em que a iniciação romântica contribui para que o protagonista aceite a ordem social dominante.

Outra importante característica do *Bildungsroman* pós-colonial é a falta de mentores adequados que tutelem o desenvolvimento mental e afetivo do herói/heroína. Pode-se assim afirmar que uma das principais diferenças entre o *Bildungsroman* tradicional e o pós-colonial consiste na alteração da função exercida pelo mentor, que no *Bildungsroman* pós-colonial é identificado com o poder (neo) colonialista. Na maioria desses romances, o mentor prioriza a defesa da ordem estabelecida em detrimento do bem estar do herói/heroína, podendo mesmo explorá-lo.

A atuação negligente do mentor pode invalidar o processo de formação do protagonista, favorecendo o surgimento de sentimentos de culpa e insegurança que dificultam sua entrada na sociedade adulta. As personagens que se preocupam de fato com o bem-estar do protagonista e cumprem, desse modo, a tarefa do mentor/mentora, são personagens que se afastam do papel de guardiães da ordem social e se convertem em empecilho para o triunfo da ideologia hegemônica. Pode-se concluir que, no *Bildungsroman* pós-colonial, existe uma incompatibilidade entre as duas funções normalmente exercidas pelo mentor/mentora (proteção do

protagonista e salvaguarda da ordem social). Isso ocorre como consequência da natureza repressora e da falta de legitimidade dos valores sociais em que se pretende iniciar o protagonista.

No romance em foco, a protagonista, que é também quem narra, é uma personagem híbrida, mestiça tanto dos caribes, aniquilados, dos negros africanos derrotados, mas sobreviventes, e do branco colonizador, visto que seu avô por parte de pai era um escocês. Xuela escolhe o lado desses dominados, tanto caribes quanto negros. Estabelece, entretanto, uma hierarquia de dominação e opta sempre por conectar-se com o lado mais oprimido da situação. Sua relação mais forte portanto é com os Caribes, chamados na narrativa de “os aniquilados”, de quem descende sua mãe que morre durante seu nascimento.

A morte da mãe a priva do contato com a herança que ela valoriza, a caribe, enquanto que a herança à qual ela tem acesso, a colonizadora (visto ser esta a valorizada por seu pai), é consistentemente recusada. Ela também não reivindica sua herança africana, em parte por que ela vem misturada com a herança colonizadora recusada, na medida em que seu pai como alguns negros descritos pela narradora no romance, procuram uma assimilação na sociedade pós-colonial em que vivem. No entanto, como Xuela sempre escolhe o lado do oprimido, suas simpatias, enquanto narradora autodiegética, ainda são direcionadas, conjunturalmente, a personagens negros oprimidos. Observo que não há, no romance, identificação de nenhum outro personagem que seja de origem caribe, que não Xuela e sua falecida mãe, o que ressalta o isolamento da narradora e o aniquilamento do povo de que descendem ela e sua mãe. É nesse isolamento que se dá o seu crescer.

O desenvolvimento de Xuela ocorre, de fato, sem mentores. Tendo perdido a mãe no seu nascimento e impossibilitada de ter o pai como mentor desde o princípio, visto que este não se mostra disponível, a menina cresce, resistindo à falta de amor inerente ao ambiente pós-colonial e patriarcal em que vive e recusando todo e qualquer mentor que aparece em seu caminho (Ma Eunice, a madrasta, a professora e Mme LaBatte).

Após a morte de sua mãe, Xuela é entregue, pelo pai, como um pacote, aos cuidados de Ma Eunice, junto a um outro pacote das roupas dele para lavar. Xuela imagina que o pai deve ter dado instruções de prioridade quanto aos cuidados de um dos pacotes sobre o outro, mas sendo o pai um homem extremamente vaidoso, ela não poder dizer, ao certo, qual dos dois teria maior importância. O pai retorna, de quinze em quinze dias, para buscar suas roupas e ver Xuela. No entanto, ela afirma que nessas visitas ele nunca a toca, nem olha nos olhos dela. Desde o princípio, observa-se, portanto, que a relação com o pai é marcada pela alienação e pela falta de amor. Como o pai não se dispõe como mentor, Ma Eunice é a primeira mentora possível de Xuela. Essa relação é, todavia, impossibilitada pela herança colonial recebida pela mulher, que é, de acordo com a narradora autodiegética, a única herança possível, a brutalidade. Ma Eunice é incapaz de amar, pois todas as suas referências, de acordo com a narradora, são referências de tirania, exploração e violência. Sendo assim, a menina rejeita Ma Eunice como mentora desde tenra idade, cuspidando o leite que sentia amargo em sua boca e mordendo a mão da mulher, quando ela tenta alimentá-la.

Em *Writing Memory, Writing Back to the Mother*, J. Brooks Bouson, 2005, ressalta como, em *The Autobiography of my Mother*, há um enfoque na transmissão da herança colonial para as relações parentais, além de demonstrar o impacto que o colonialismo tem nas famílias e, em particular, no desenvolvimento das crianças. O castigo que Ma Eunice aplica em Xuela quando esta quebra o prato de porcelana com a paisagem britânica representando o paraíso é exemplo dessa relação entre colonização e tirania parental. Ma Eunice, tendo internalizado a relação desequilibrada de poder entre colonizador e colonizado, repete o mesmo padrão na punição da criança desobediente e teimosa, que torna-se sua vítima.

Xuela é forçada a ficar, em um local em que batia sol o dia inteiro, ajoelhada sobre pedras, com as mãos erguidas acima da cabeça e segurando duas pesadas pedras até decidir pedir desculpas. Ela se recusa a pedir desculpas e Ma Eunice passa então o dia proferindo diversas ofensas tanto à mãe quanto ao pai da menina. A narrativa conecta esse abuso da figura materna substituta ao abuso colonial em

relação ao sujeito colonizado, sendo descrito pela narradora como um castigo que remete, de todos os modos, “à relação entre captor e cativo, senhor e escravo, com seu tema de grande e pequeno, poderoso e impotente, forte e fraco...”⁶

Vítima desse abuso parental ligado à experiência colonial, a menina repete o abuso com as únicas criaturas sobre as quais ela, como criança, pode exercer domínio, os três jabutis que ela encontra enquanto está de castigo pela quebra do prato. Primeiro, ela procura destinar o amor que não recebe a essas criaturas, mas sem possuir exemplo de amor, apenas de autoritarismo e dominação, a menina aprisiona os jabutis e, por eles não estarem disponíveis a ela sempre que queria, tampa o espaço de suas carapaças de onde saíam as cabeças com argila, como punição. Esquecendo-os por um tempo, reencontra-os mortos.

É possível entender este episódio como relacionado à decisão de Xuela, na vida adulta, de não ter filhos. Como não recebe amor na infância, a menina não aprende a amar, e desde muito cedo percebe que essa falta de amor inicial impedirá que ela também ame. Para não correr o risco de repetir a tirania e a crueldade contra os inocentes que experimenta e observa no seu meio, a narradora autodiegética opta por jamais trazer filhos ao mundo. Embora a relação de Xuela e Ma Eunice não seja uma relação de mentora/*bildungsheld*, a narradora é capaz de entender as limitações de Ma Eunice, em retrospecto, e sentir gratidão pelos cuidados que lhe foram dispensados por ela quando pequena.

A segunda possível mentora de Xuela é a professora da primeira escola que a menina frequenta. Entretanto, a professora “do povo africano”⁷, como descreve a narradora autodiegética, lidava com sua própria identidade como uma fonte de isolamento e autodesprezo e tinha o desespero como uma bengala, sobre a qual se apoiava com frequência. Esse desprezo por si mesma é exatamente o que ela esperava passar aos seus alunos.

Xuela descreve o ambiente escolar como um ambiente sem amor e aponta para a complexidade das relações étnicas e discriminatórias na Dominica,

⁶ “... the relationship between captor and captive, master and slave, with its motif of the big and the small, the powerful and the powerless, the strong and the weak...” (KINCAID, 1997, p. 10).

⁷ “of the African people” (KINCAID, 1997, p.15).

demonstrando que era tratada com desprezo, pela professora e colegas, porque era vista por eles como pertencente ao povo caribe que havia sido, além de derrotado como o povo africano, aniquilado. À inteligência da menina, sua rápida capacidade de aprendizado e excelente memória, a professora responde com uma acusação de possessão, justificada por ela pela ascendência caribe de Xuela.

A entrada da menina para a escola e a relação com sua professora e os alunos constituem um momento importante da narrativa, visto que ali sua posição como narradora confiável é posta em dúvida. A narradora repete, durante todo o romance, que não se importa, por exemplo, com a falta de atenção do pai ou com o castigo de Ma Eunice; que não tem medo. Quando chega à escola, afirma:

“Eu não estava com medo, porque minha mãe já havia morrido e isso é a única coisa de que uma criança realmente tem medo... e eu já havia vivido todos aqueles anos com Ma Eunice, uma mulher que não era minha mãe e que não podia me amar, e sem meu pai, nunca sabendo quando eu iria vê-lo novamente, então eu não temia por mim nessa situação.”⁸

Em seguida, todavia, a narradora coloca em questão essa falta de temor e reflete “E se não fosse realmente verdade que eu não estava com medo naquele momento, não seria a primeira vez em que eu não admitiria para mim mesma a minha própria vulnerabilidade.”⁹. Essa afirmação expõe um mecanismo de defesa observado em todo o romance, além de uma capacidade de ausentar-se psicologicamente das situações de violência, uma reação típica de crianças que vivem em situação de abuso. Um primeiro exemplo disso é que, durante o castigo aplicado por Ma Eunice, Xuela encontra os jabutis e volta todas as atenções para eles, tirando assim o foco da posição de desamparo em que ela, uma criança pequena, se encontra.

Outro exemplo dessa defesa, aqui exposta, ocorre na escola, quando a professora está humilhando Xuela pela descoberta das cartas, supostamente escritas

⁸ “I was not afraid, because my mother had already died and that is the only thing a child is really afraid of; when I was born, my mother was dead, and I had lived all those years with Eunice, a woman who was not my mother and who could not love me, and without my father, never knowing when I would see him again, so I was not afraid for myself in this situation. (KINCAID, 1997, pp. 14,15).

⁹ “And if it is not really true that I was not afraid then, it was not the only time that I did not admit to myself my own vulnerability.”(Ibid., p.15).

ao pai, e a menina mantém os olhos e o pensamento concentrados em uma aranha, que enxerga por trás dos ombros da professora, e no som da chuva que escuta cair no telhado da escola. Prestar atenção em outra coisa, ausentar-se psicologicamente da situação de violência, é uma estratégia de sobrevivência utilizada por Xuela, a partir de sua infância, que sugere um mecanismo de defesa por dissociação¹⁰.

Com a descoberta das cartas escritas aparentemente para o pai, mas, em verdade, direcionadas à mãe morta, a narradora autodiegética descobre o poder da narrativa como ferramenta para mudança de vida. Como resultado do envio das cartas pela professora para seu pai, ele vem buscá-la e ela vai viver com ele e a madrasta. Esta é a terceira possibilidade de Xuela ter uma mentora, e a última que surge ainda na sua infância. A madrasta, todavia, recebe a menina com hostilidade pois a vê como ameaça ao seu casamento com o pai.

Xuela reconhece de imediato a falta de amor: “Ela não me amava. Eu podia ver isso no seu rosto. Meu espírito ergueu-se a enfrentar esse desafio. Sem amor: Eu poderia viver em um lugar assim. Eu conhecia muito bem essa atmosfera.”¹¹ A menina afirma que se ali encontrasse amor, ela seria derrotada, mas considerando a dificuldade declarada em lidar com sua vulnerabilidade, ela deve ser considerada aqui como uma narradora não confiável. Talvez o amor na casa da madrasta pudesse, ao contrário da crença infantil de aniquilamento de Xuela, restaurar a capacidade de amar da menina, ainda com sete anos. Como, no entanto, ela já identifica a falta de amor com que é recebida, conforta-se com o fato de possuir recursos para viver em um ambiente assim, ao qual já estava acostumada. Por outro lado, o amor da madrasta, se existisse, poderia ter quebrado sua resistência, conduzindo a uma assimilação, por ela indesejada.

¹⁰ De acordo com Negro Jr. et al (1999) a dissociação pode funcionar, dentre outras formas, como um mecanismo de defesa conectado a diversos fenômenos, como amnésia psicológica ou, o que parece mais o caso, como a eliminação do sofrimento físico ou emocional, além da possível não integração crônica da personalidade. Segundo afirmam Negro Jr. et al (1999), Pierre Janet defende que a dissociação como mecanismo de defesa não tem origem proposital ou funcional, mas que surge quando o indivíduo experimenta fortes emoções (inclusive terror) que o levam ao estreitamento do campo atencional e a desorganização da integração das informações na consciência.

¹¹ “She did not love me. I could see it in her face. My spirit rose to meet this challenge. No love: I could live in a place like this. I knew this atmosphere all too well.” (KINCAID, 1997, p. 29)

A última possível mentora, Mme LaBatte, recebe Xuela, com quinze anos de idade. A moça vai morar com Mme LaBatte e o marido para continuar os estudos, conforme determinado pelo pai e, em troca de estadia e alimentação, ajuda nos serviços domésticos. Na chegada de Xuela, Mme La Bate informa que a moça deve vê-la como uma mãe. Ela é afetuosa e tida pela narradora autodiegética como uma amiga, talvez a única amiga de toda a sua vida. Entretanto, Mme LaBatte tem a expectativa de que Xuela atenda os desejos sexuais do marido e lhe dê o filho que ela não pode ter.

852

Quando a narradora engravida do Monsieur LaBatte, ela se afasta da casa para realizar um aborto e impede assim a realização desse desejo. Embora a mulher esteja de luto, quando Xuela retorna à casa dos LaBatte, ela recebe a moça com carinho, o que parece demonstrar que o afeto que lhe dedica vai além do desejo de usá-la como instrumento para tornar-se mãe. Mesmo sendo imperfeita, Mme LaBatte é a única possível mentora de Xuela que a trata com afeto e que estabelece com ela uma ligação tão forte que as duas se comunicam por telepatia. Apesar dessa forte ligação, no seu retorno após o aborto, Xuela, modificada pela traumática experiência, sente que a permanência na relação com a mulher terminaria por consumi-la totalmente e decide partir para não mais voltar.

Como resultado da falta de amor em seu crescer, Xuela, como afirmado anteriormente, torna-se sua própria mentora, embora ela mesma reconheça as limitações dessa situação e revele sua admiração para com aqueles que acompanham o desenvolvimento e o desabrochar de uma vida, da infância à idade adulta. Reconhecendo essas limitações, ela reflete:

“Ninguém me observou e contemplou, eu me observei e contemplei; a corrente invisível saiu e entrou em mim. Eu passei a me amar em desafio, a partir do desespero, pois não havia nada mais. Um amor assim serve, mas apenas serve, não é o melhor tipo de amor; ... Serve, mas apenas porque não há nada mais para ocupar o seu lugar; não é um amor a ser recomendado.”^{12,13}

¹² Tradução minha.

¹³ “No one observed and beheld me, I observed and beheld myself; the invisible current went out and came back to me. I came to love myself in defiance, out of despair, because there was nothing else. Such a love will do, but it will only do, it’s not the best kind; ...It will do, but only because there is nothing else to take its place; it is not to be recommended.” (KINCAID, 1997, pp. 56 – 57).

O pai de Xuela teria sido o primeiro mentor da menina, logicamente, não fosse sua falta de disposição demonstrada desde o princípio, sua incapacidade de amar e sua união ao dominador na opressão dos colonizados, que é alvo de reflexão contínua de Xuela, da infância à maturidade. É nesse último momento de sua vida que ela descreve de forma mais pungente a formação híbrida do pai e sua opção pela identidade que lhe parecia, individualmente, mais conveniente. Ela também demonstra maior compreensão em relação a ele, afirmando que, em uma situação como a deles, apenas os santos escolhem viver entre os que andam de cabeça baixa e não entre os que caminham de cabeça erguida e que mesmo assim, os santos sabem que ao final serão eles a andar de cabeça erguida.

Xuela, no entanto, parece encontrar um caminho alternativo. Embora pudesse, como o pai, optar pela assimilação e acatar sua identidade ligada ao colonizador, ela alia-se sempre aos derrotados e, principalmente, aos dizimados caribes. Sua aliança não implica, todavia, em agir como os santos que esperam a chegada ao paraíso para andarem de cabeça erguida. Xuela mantém sua cabeça erguida, negando os valores coloniais e patriarcais. Mesmo quando casa com um homem inglês, utiliza-se de estratégias que impedem sua dominação e promovem, ao contrário, um revide do colonizado para com o colonizador, que é quem termina por ser colocado em uma posição frágil e inferiorizada.

Essa opção de vida, entretanto, possui um preço que a narradora autodiegética reconhece ao final do romance: o isolamento e a solidão. Ao fim da vida, Xuela espera pela morte como a única coisa a qual ela pode se submeter. Ela reconhece que o relato de sua vida é também o relato da vida da mãe que ela nunca conheceu e dos filhos que ela nunca permitiu nascer. É, assim, um relato de faltas, inclusive da pessoa que o seu ambiente, suas condições de vida, nunca permitiram que fosse. É também o relato de suas recusas, inerentes a sua busca por sobreviver e resistir. É o relato da vida da pessoa que ela mesma nunca se permitiu ser.

Referências

BOUSON, J. Brooks. *Jamaica Kincaid. Writing Memory, Writing Back to the Mother*. Albany: State University of New York Press, 2005

EVEN-ZOHAR, Itamar. Poetics Today, Vol. 11, No. 1, *Polysystem Studies*, Durham, North Carolina: Duke University Press Stable. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/1772666>>. Acesso em: 26 de junho de 2009

854

KINCAID, Jamaica. *The autobiography of my mother*. New York: Plume/Penguin, 1997.

NEGRO JR., Paulo Jacomo, PALLADINO-NEGRO, Paula, LOUZÃ, Mário Rodrigues. "Dissociação e Transtornos Dissociativos: Modelos Teóricos" *Revista Brasileira de Psiquiatria*, Vol. 21, nr 4, São Paulo, dezembro, 1999. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44461999000400014 Acesso em: 20 de maio de 2015.

VÁZQUEZ, José Santiago Fernández. *Reescrituras postcoloniales del Bildungsroman*, Editorial Verbum, Madrid, 2003.